

O ultrapassado em Freud (parte 1): a formação, a escola

The outdated in Freud, (1st part): training, teaching

MARTÍN MEZZA

RESUMO:

O trabalho a seguir faz parte do programa de pesquisa de Apertura, especificamente no eixo das hipóteses auxiliares que trata das diferenças entre Freud e Lacan. Partimos da menção trazida por Lacan no texto “Acerca de la causalidad psíquica”¹ que propõe derrubar o que é realmente ultrapassado na obra de Freud. Depois avançamos com seus próprios desenvolvimentos em relação à formação do psicanalista e à instituição psicanalítica. Em trabalhos posteriores abordaremos outros aspectos como, por exemplo, o paralelismo psicofísico e a sociologia em Freud.

PALAVRAS-CHAVE: Freud – Lacan – a formação do psicanalista – instituição psicanalítica – o passe – o ultrapassado

ABSTRACT:

The following work is part of the investigative program of Apertura, specifically according to the auxiliary hypotheses that deal with the differences between Freud and Lacan. We start with Lacan’s indication in the text “About the psychic causality” that proposes to let fall what is really outdated in Freud’s work. Then we advance in his developments on the psychoanalyst’s training and the psychoanalytic institution. In later work we will deal with other aspects such as psychophysical parallelism and sociology in Freud.

KEY WORDS: Freud – Lacan – psychoanalytic – psychoanalytic institution – the pass – outdated

Introdução

O que Lacan considera ultrapassado em Freud? Poderíamos dizer que tudo e seria verdade. Para isso, bastaria apontar a mudança de paradigma introduzida por Lacan, bastante trabalhada em Apertura, ou mencionar o conceito de “desleitura” (*misreading*) introduzido por Goldenberg² para pensar a operação de Lacan sobre a obra freudiana. Também poderíamos recorrer ao projeto de Lacan, seu programa de investigação, explicitado pelo sintagma “uma crítica assídua” de todas as noções e dos “*déviations et compromissions* produzidos no campo aberto por Freud”³ – isso inclui os do

¹ Lacan, J. (1988). Formulations sobre la causalidad psíquica. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 169.

² Goldenberg, R. (2017). O Fracasso de Lacan (em ensinar a psicanálise). <https://ricardogoldenberg.com.br/2017/03/12/o-fracasso-de-lacan-primeira-aula/>

³ Lacan, J. (2003). Carta de dissolução. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 320.

próprio Freud, os dos chamados pós-freudianos e do próprio Lacan ou os da Escola Freudiana de Paris (EFP).

Todos esses caminhos são válidos e também levam a Roma (de 53 a 67). Vamos usá-los aqui como grandes avenidas que indicam a direção, porém preferimos percorrer as vias alternativas mais detalhadamente. Ao fazê-lo, entendemos que lançamos luz sobre aspectos relevantes da nossa comunidade e que contribuímos com um saber que prova a hipótese afirmada – todos os caminhos levam a Roma ou à mudança de paradigma que expõe o que é ultrapassado em Freud. Nesta oportunidade, exploramos o que é ultrapassado na formação do psicanalista e na instituição psicanalítica.

O desejo de Freud e o sintoma na formação do psicanalista

Todos nós sabemos, aprendemos, que os pós-freudianos introduziram um desvio na verdade aberta por Freud, contudo, dificilmente a maioria dos psicanalistas consegue explicar os motivos ou a causa de tal descarrilhamento. Isso tem suas razões e consequências. Se questionarmos por que ocorreu esse desvio, podemos encontrar duas respostas diferentes, embora complementares, levantadas por Lacan. Por um lado, ele dirá que existem razões externas, digamos sociológicas, e, por outro, razões intrínsecas ao vínculo entre psicanalistas. Ainda que as primeiras sejam interessantes por si só, e ainda mais em função de seu vínculo com o segundo grupo de razões, vamos tratar aqui apenas das razões intrínsecas à comunidade psicanalítica.

Pois a insuficiência teórica [desvios] que apontamos na doutrina nos coloca na falha do ensino, que lhe corresponde reciprocamente.⁴

[...] no próprio ponto em que eles [psicanalistas] se desviaram: a saber, na formação do psicanalista.⁵

Em outros lugares, dirá que a teoria do “eu autônomo”, amplamente criticada nos seus primeiros seminários, só pôde sair do círculo dos “didatas”. Portanto, essa é a explicação encontrada por Lacan para os desvios da doutrina, seu íntimo e recíproco vínculo com a estrutura organizada para transmitir a psicanálise e formar psicanalistas. Ideia extremamente potente, pois tem a virtude de pôr fim à

⁴ Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 454.

⁵ Lacan, J. (2003). Ato de fundação. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 244.

correlação entre desvios e geração – pós-freudianos –, e reconduzi-los para a organização institucional. Dessa forma, nós, pós-lacanianos, não podemos sentir que estamos resguardados dos “desvios” apenas porque Lacan nos fez conscientes, pelo contrário, devemos pensar se, ao perpetuar uma certa organização e transmissão, não estamos fortalecendo ou recriando tais desvios. De fato, ao constatar a “má fé” com que suas formulações foram recebidas, Lacan se pergunta: “será que o psicanalista é sede de uma pulsão plutomítica ou servo de um deus enganador?”⁶

Os adeptos do ultimíssimo Lacan, sem dúvida, farão sua escolha pela pulsão evitando sua característica mítica. Não deixaremos de considerar que a “má fé” já foi apontada e vamos argumentar a favor de um Deus enganador, uma vez que a organização religiosa prevaleceu no vínculo entre analistas.

Essa organização e funcionamento institucional (IPA) foi descrita por Lacan como uma “democracia antiga” onde só existem mestres, ou seja, um único “grau” hierárquico que ele decide chamar de “suficiências”. Estas, por não suportar nenhum registro de insuficiência, causam formalmente o seu oposto – não dialético – nos *petits souliers*. Entre eles reinará o silêncio, elevado ao estatuto de “Lei suprema” e associado ao projeto de constituir “cem psicanalistas medíocres”⁷ que se deve entender como “desintelectualizados”, pois a alteridade proposta para o reconhecimento ou a alienação não é nada menos que a figura dos “técnicos”.⁸ Nesta organização, não há nada a ser confrontado, nada a ser debatido, nem contradição a se considerar, a experiência é soberana e alimenta a doxa dos eruditos e o incômodo dos “técnicos”.

A identificação com a imagem que dá ao grupo seu ideal, aqui a de suficiência encarnada, certamente funda, como Freud mostrou num esquema decisivo, a comunicação do grupo, mas é justamente à custa de toda comunicação articulada.⁹

A instituição psicanalítica se estabelece nas mesmas bases que a igreja, o exército ou as organizações fascistas, ou seja, na identificação imaginária de cada “eu” com o ideal do eu representado na figura do líder. As consequências dessa organização são manifestadas no ódio, no narcisismo das pequenas diferenças – terror conformista – e na detenção do progresso científico da psicanálise. Por isso será possível dizer que até o momento – estamos nos referindo a 1956, mas

⁶ Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p.345

⁷ Em uma passagem da proposição de 9 de outubro de 1967, p. 263 (versão em português), Lacan parece sugerir que isso se deve também ao fato de que a IPA não perdeu um único membro nos campos de concentração, estimulando assim a candidatura como meio de proteção.

⁸ Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. pp.478-481

⁹ *Ibid.* p. 470.

tirando raras exceções poderia muito bem ser 2018 – não se produziu nenhuma “nova noção”, que “as formas iniciáticas” – análise didática – e o “controle autoritário da experiência” levaram a “desencorajar a iniciativa paralisando o risco [...] onde a autenticidade da investigação se embota antes de se esgotar”¹⁰ e que “não se vê a invenção de nenhum jovem analista”,¹¹ como é comum em outros campos científicos.

A pergunta que insiste é: por quê? Por que a existência dessa organização na IPA? Ou também, por que cada vez que os psicanalistas se reúnem em torno da transmissão da psicanálise e da formação do psicanalista – pensemos na multiplicidade de instituições e institutos de psicanálise da atualidade –, produz-se a mesma organização com efeitos idênticos de mal-estar e degradação do progresso científico? Lacan responde à primeira pergunta – fazemos dela extensível à segunda – dizendo que há “um real na formação do psicanalista” e que as “sociedades existentes se fundam nesse real”, ou, melhor dizendo, em seu “desconhecimento” ou “negação sistemática”. Esse real não é outro senão o “desejo de Freud”.¹²

Acredito, então, que aqui Freud teve o que queria: uma conservação puramente formal de sua mensagem, manifesta no espírito de autoridade reverencial em que se cumprem as alterações mais manifestas.¹³

A inibição na ordem do saber – a estagnação do pensamento psicanalítico – é transformada em um sintoma para a sociedade de analistas. Esse sintoma expressa o conflito entre o desejo e a vontade – o temor – de Freud, pois, embora “o pai da psicanálise” esperasse que os conceitos inacabados fossem desenvolvidos e submetidos à crítica, assim como em qualquer outro campo do saber, e que suas descobertas avançassem em direção à integração na ciência, não deixou de instituir as formas iniciáticas e autoritárias para a conservação de seu pensamento. Esse conflito pode ser mais bem compreendido a partir de 1912, quando o desentendimento com Jung – colega mais estimado por Freud –, que motivou sua saída da instituição criada por Freud (IPA), intensificou o “desprezo” que este último sentia pelos colegas encarregados de continuar seu legado. Tomado pelo temor de que sua obra perdesse o sentido original, decide criar o “comitê dos sete”. Este grupo, cujo emblema era um anel que portava cada membro, teve “carta branca” para atuar em segredo e “cuidar” da herança freudiana por meio do “controle” e da “censura”.

¹⁰ Lacan, J. (1988). Función y campo del lenguaje en psicoanálisis. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. pp.228-229.

¹¹ Lacan, J. (2003). Discurso na escola freudiana de Paris. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 276

¹² Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista na Escola. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar p. 249.

¹³ Lacan, J. (1988). El psicoanálisis y su enseñanza. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p.439.

Essa verdade histórica foi suficiente para Lacan caracterizar o “real” freudiano como um sintoma da instituição psicanalítica. Ou seja, que o presente indeterminado – a formação do psicanalista – se comunica associativamente com um elemento significante da verdade histórica negada ou desconhecida e assim adquire uma significação tendenciosa. Mas gostaríamos de acrescentar outro significante que indica a sobredeterminação que atua na substituição do espírito científico do psicanalista pelo caráter ocultista e religioso que impera em sua comunidade. Em setembro de 1921, Freud faz uma comunicação nas montanhas de Harz, que ficou conhecida como “Psicanálise e telepatia”, publicada *post mortem* em 1941. O dado histórico a ser preservado, aquele que marca o passo do enunciado à enunciação em jogo, é a construção entre Freud e Jones. Em nota preliminar à edição alemã, Freud diz que essa comunicação foi realizada por ocasião da reunião do Conselho Diretor da IPA. Jones, até então presidente da instituição, diz que, na verdade, não houve nenhuma reunião institucional, e sim uma reunião com “os colaboradores mais imediatos”, ou seja, com o comitê secreto.

Nessa ocasião, e sobre o pano de fundo da sobreposição entre o institucional e o comitê secreto, Freud volta a apresentar seus temores em relação ao futuro da psicanálise. Entende que a “transferência de pensamento” pode ser o meio para uma aliança indesejável entre a psicanálise e o ocultismo, e assim reúne as tropas para uma cruzada contra o desprezo que ambos os campos experimentam por parte da “ciência oficial”. Dessa forma, ele se vê obrigado a apresentar apressadamente os traços contrastantes de ambos os campos, onde a falta de “apetite de saber”, a pouca vergonha do desdém pela ciência e a “profissão de fé” que leva à convicção que só busca corroborações, características da posição ocultista, opõem-se ao que é próprio da nossa comunidade: que pertence à “linhagem científica exata” e sacrifica o “brilho de uma teoria sem lacunas” e a “cosmovisão finalizada”.¹⁴ Será que ele conseguiu chegar a esse esclarecimento para evitar a aliança anticientífica?¹⁵ Terá prevalecido o enunciado ou a enunciação, que não podemos chamar de outra forma senão de ocultista? A ironia do destino – a estrutura – quis que Lacan¹⁶ encontrasse nessa comunicação, “Psicanálise e telepatia”, a referência mais clara à sua fórmula: o inconsciente é o discurso do Outro.

¹⁴ Freud, S. (1995). *Psicoanálisis y telepatía. Obras Completas*. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A. p 170.

¹⁵ No texto “O que esperar de um psicanalista?”, comenta em 2012, existiu uma reunião de psicanalistas da Escola da Causa Freudiana em Paris, onde se convocou uma aliança anticiência por entender que o discurso da ciência queria destruir o discurso psicanalítico – polêmica sobre o tratamento de autistas.

¹⁶ Lacan, J. (1988). *Función y campo del lenguaje en psicoanálisis*. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

Existe uma solução, a dissolução

Não se pode dizer que Lacan não jogou o jogo, que não tentou modificar a ordem das coisas, assim como também não se pode negar que ele falhou estrepitosamente, pois sua própria confissão se sobrepõe à descrição mais grosseira que podemos fazer sobre realidade atual do nosso campo.¹⁷ De qualquer forma, ele tentou, sua proposta teórica demonstra isso de forma ampla, visto que ela é caracterizada pela introdução de novos conceitos e por ser uma “crítica assídua” das noções e dos “*déviations et compromissions*”¹⁸ da teoria psicanalítica. O sentido progressivo e científico dessa crítica pode ser sentido em todo seu peso ao considerar a substituição da “*universitas litterarum*”, na qual Freud apoiava a formação do psicanalista. A linguística, a lógica, a topologia e a antifilosofia constituem as bases da formação do psicanalista e manifestam o desejo e a “oportunidade de se renovar”,¹⁹ assim como a aposta pela intraterritorialidade.

Entretanto, coerentemente com seu diagnóstico, Lacan não só se ocupou dos desvios na doutrina, como também da organização institucional que lhe corresponde reciprocamente. Os poucos princípios sobre os quais ele fundou a Escola Freudiana de Paris (EPP) mostram de maneira definitiva a direção desejada. No lugar do “terror conformista”, propõe a escola como um “refúgio” contra o mal-estar da civilização, uma oportunidade para a “crítica”, a “abertura do fundamento da experiência” e do “questionamento do estilo de vida em que se desemboca”. Frente à democracia antiga ou a hierarquia das suficiências, das beatitudes ou dos *petits souliers*, esvaziar a função de direção da imagem do líder e uma dinâmica circular. E, sobretudo, substitui as formas iniciáticas de acesso – análise didática – e a única função em que se sustentava a instituição – a formação de analistas –,²⁰ por um trabalho teórico determinado. Tanto a forma de ingresso como o êxito da instituição passam pelos “objetivos de trabalho” e qualidade propostos.²¹

A divisão proposta por Lacan – AE e AME – é sustentada no trabalho a realizar e não implica hierarquia. Esse trabalho é dividido em três seções. A seção de psicanálise pura, onde se trabalhará na práxis e na doutrina da psicanálise “pura”, é uma “crítica contínua da práxis e da formação do psicanalista”. A seção de psicanálise aplicada se ajusta ao trabalho sobre “a crítica de resultados,

¹⁷ Para os objetivos deste trabalho, não abordaremos a complexidade que supõe o fracasso de Lacan ou sua participação no sintoma do psicanalista, preferimos indicar os esforços e os caminhos que percorreu para evitar a repetição e tirar o pensamento psicanalítico de sua estagnação.

¹⁸ Aqui é necessário especificar que se trata tanto dos desvios e concessões de Freud, dos pós-freudianos, do próprio Lacan, como de qualquer trabalho em nosso campo.

¹⁹ Lacan, J. (2003). Talvez em Vincennes. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 316.

²⁰ Na página 230 de “Función y campo de la palabra y del lenguaje em psicoanálisis”, compara a arbitrariedade da formação do psicanalista com uma escola de condutores que não satisfeita em emitir a licença de conduzir, pretende controlar a construção automobilística.

²¹ Lacan, J. (2003). Ato de fundação. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

sobre a nosografia, os projetos terapêuticos e o desenvolvimento de uma casuística”. E, finalmente, a seção do censo do campo freudiano, que nada mais é do que um comentário contínuo de tudo o que é produzido em nosso campo – psicanálise da psicanálise – e “atualização dos princípios dos quais a práxis analítica deve receber, na ciência, seu estatuto” e da “articulação com as ciências afins”.²²

Depois de todo este percurso, é impossível não ver a intenção de tirar a psicanálise de sua posição e organização ocultista e religiosa. O direcionamento à ciência e o desejo de articulação com outros campos do saber científico parecem inegáveis. Por isso é curioso que Miller, contemporâneo deste momento institucional, possa dizer que:

Progressivamente, Lacan separa a psicanálise dessa sociedade que ele havia criado [...] não à antropologia, não à linguística, não à filosofia. Esses discursos ficam situados no saco do discurso universitário [...] a partir desse momento longe de se abrir, a Escola de Lacan se propôs a viver como uma contrasociedade.²³

Já mencionamos que em 1975 Lacan coloca a linguística e a antifilosofia entre as ciências que dão apoio à formação do psicanalista e poderíamos incorporar também a análise do discurso como saber importante para a doutrina psicanalítica. Por que então dizer o contrário? Por outro lado, não é suficientemente claro que Lacan propõe uma abertura da instituição psicanalítica, uma saída das formas religiosas, iniciáticas, ocultistas, da suficiência dos analistas? De fato, quando Lacan descreve a organização da instituição que ele critica, indica que irá chamar de “beatitudes” uma função da única hierarquia da escola. E não deixa de destacar que retira esse nome das seitas epicuristas e estoicas que, basicamente são caracterizadas por acreditar nas leis naturais e aceitar a ordem estabelecida e por buscar a felicidade no presente imediato e no distanciamento da política e da sociedade. Não é impressionante que depois de tal crítica ele direcione sua escola para o mesmo lugar?

De qualquer forma, o simples fato de que as metas da formação se afirmem em postulados psicológicos introduz no grupo uma forma de autoridade sem igual em toda a ciência: forma que somente o termo suficiência permite qualificar.²⁴

²² Ibid. p. 238.

²³ Miller, J.A. (2005). Psicoanálisis y sociedad. Em “Freudiana” 43/44, março-outubro.

²⁴ Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p. 469.

A proposta era transformar a escola (EFP) em um “refúgio” e não em uma “seita”. O “externo”, a ciência, a sociedade e nosso Outro – segundo a forma como Miller entende –, não eram o motivo do qual deveríamos nos proteger, mas sim da suficiência, do isolamento e do ocultismo reinante na instituição psicanalítica. Trata-se de tirar a formação do psicanalista e o saber da psicanálise dos postulados psicológicos e das formas iniciáticas e autoritárias que impedem o desenvolvimento da vocação científica da psicanálise. Por esse motivo, possuído pelo espírito de Rousseau, Lacan pretendia uma visibilidade, um controle interno e externo – não é possível entender de outro modo que não social e científico – da formação do psicanalista.

Para isso, ele propõe o “passe”. Nele, o “controle” do analista fica a cargo da intrigante e ameaçadora figura do não-analista. Enfim, se Lacan desassocia a psicanálise de algo, não é da sociedade, mas da escola. Não por um desejo de funcionar como uma contrasociedade, mas por reconhecer que fracassou e que, em vez de avançar no trabalho do discurso, o grupo psicanalítico – novamente – prevaleceu, ou seja, o real freudiano, o “comitê secreto”.

Há um problema na Escola. Não é um enigma. [...] Esse problema demonstra-se tal por ter uma solução: trata-se da *dis* – da dissolução. [...] Resolvo-me a isso pelo fato de que ela funcionaria, se eu não me colocasse de través, na contramão daquilo pelo qual a fundei.²⁵

Já dissemos isso, a EFP se funda com o único objetivo de realizar um trabalho sobre o discurso psicanalítico. Não se trata de reanimar a teoria freudiana, mas o campo aberto por ela, ou seja, a verdade freudiana. Contudo, a maior resistência a este propósito foi organizada em torno da psicanálise “pura” ou “didática”. Esse foi o maior obstáculo, pois, sobre a passagem do analisante para analista – aquilo que a escola pretende garantir, ou seja, a formação do analista –, os analistas que seguiam Lacan também manifestaram uma “resistência bastante estranha”.²⁶

A pergunta que animou a seção de psicanálise aplicada teve como objetivo questionar as estruturas asseguradas na ignorância: para que serve a passagem pela experiência? O fato de sua formulação implica necessariamente que a resposta de Freud²⁷ não fosse satisfatória. Lembremos que a explicação dada na época comportava traços protetores ou defensivos, ambos indubitavelmente sócio-históricos, pois, por um lado a análise pessoal respondia à “segregação da ciência oficial” para com a psicanálise ou para com sua novidade, e à acusação de curandeirismo sofrida por um analista não

²⁵ Lacan, J. (2003). Carta de dissolução. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 319.

²⁶ Lacan, J. (2003). A psicanálise. Razão de um fracasso. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 347.

²⁷ Freud, S. (1995). ¿Pueden los legos ejercer el análisis? *Obras Completas*. Vol. XX. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A.

médico – Theodor Reik –, assim como um meio de persuasão que compensava uma suposta carência da transmissão teórica. Temos aqui os elementos da proto-história da realidade institucional, objeto da crítica de Lacan: traços ocultistas e autoridade sem igual em toda a ciência – suficiência e o valor da experiência sobre a comunicação articulada.

Por isso a proposta de Lacan para a EFP vai em sentido contrário à de Freud e da IPA, ou seja, trabalhar teoricamente essa questão. O efeito dessa decisão são algumas de suas noções – o desejo do psicanalista, *des-ser*, o ato psicanalítico, a união entre o ser do desejo e o desejo de saber etc. – e o dispositivo do “passe”. O que está em jogo no “passe” não é a qualificação do analista como era na IPA. Ser AE na escola de Lacan não significava se formar como analista, mas por sua própria vontade e livre decisão – é o analisante quem torna o analista didata e não a experiência deste último – contribuir com um saber sobre a passagem de analisante para analista, captar o ato analítico no momento em que se produz. Em suma, o que se buscava era distinguir o ato analítico da condição profissional, exprimir até as últimas consequências os paradoxos da “análise original” – Freud analisante do “medicastro” Fliess –, ou seja, realizar uma “crítica científica” para reduzir a “ilusão” que implica a posição do psicanalista.²⁸ Para esta tarefa, propõe-se que os “passadores” sejam os mesmos analisantes, o que equivale a dizer: os jovens, que para realizar essa função não poderão se eximir do trabalho de doutrina, nem procrastinar o desejo do analista ou atrasar sua contribuição teórica.

É fácil imaginar as objeções que surgem, pois são as mesmas que ainda imperam em nosso meio, marcam o funcionamento de nossas instituições e o tom do debate. Os analistas com “direitos adquiridos” sentiram que sua experiência clínica, “sua escuta” e “suas virtudes para a supervisão” foram menosprezadas e lançaram a acusação de entregar a escola ao controle dos “não analistas”. Lacan aceita o desafio e dobra a aposta. Dirá que sim, que a esses que ele entrega a escola, recomenda capturem o ato psicanalítico e detectar como os analistas têm uma produção paralisada.

Meu discurso, por haver retido sujeitos que não são preparados para isso pela experiência da qual ele se autoriza, prova que aguenta a tarefa de induzir esses sujeitos ao se constituir por suas exigências lógicas. O que sugere que aqueles que a dita experiência, têm-na, nada perderiam em se formar nestas exigências que dele se depreendem, para restabelecê-las em sua “escuta”, em seu olhar clínico e, por que não, em suas supervisões. Não as torna mais indignas de serem escutadas o fato de que elas possam servir em outros campos.²⁹

²⁸ Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista na Escola. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar p. 258.

²⁹ Lacan, J. (2003). Discurso na escola freudiana de Paris. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. p. 274.

Como vimos nas páginas anteriores, o pai da psicanálise colocava a vivência e a convicção através da experiência da análise didática como compensação da falha ou impotência da transmissão teórica. Já Lacan descobre que o obstáculo é a experiência, o fato de estarem convencidos sem saber nada de como opera o ato psicanalítico. Desse modo, propõe não só que os formados nas “exigências lógicas de seu discurso” – aqueles que não contam com a experiência clínica – estão, de alguma forma, em boa posição para se aventurar em nosso campo, mas também que os “analistas” que detêm a “experiência clínica” poderiam tirar proveito de se formar nas exigências lógicas de seu discurso.

[...] o atributo do não-psicanalista é o garante da psicanálise [...] Para os que me seguem neste caminho, mas lastimariam não ter uma qualificação tranquilizadora, forneço, como havia prometido, a outra via que não me deixar: que me ultrapassem em meu discurso, até tornarem-no obsoleto. Saberei enfim que ele não foi inútil.³⁰

Não só propõe a figura do não-analista como a responsável pelo controle da escola, a encarregada de captar o ato psicanalítico e de fazer a psicanálise progredir rumo à ciência, como também abre outros caminhos para a formação do analista: as exigências lógicas do discurso e tornar ultrapassado o discurso em que se é formado. Se esta era a aposta, teríamos que nos perguntar seriamente se o “passe” de Lacan foi produzido na análise didática com Lowenstein ou por meio de seu trabalho incansável para superar – tornar ultrapassado – Freud.

Seja como for, os argumentos apresentados até aqui impedem a compreensão do “retorno a Freud” como uma ação terapêutica – voltar ao estado prévio – sobre os desvios pós-freudianos. Mas também, e talvez mais importante, evitam interpretar psicologicamente uma suposta agressividade resultado de uma rivalidade imaginária, um Édipo mal resolvido ou uma dose elevada de pulsão de morte, quando, por ocasião da celebração do centenário do nascimento do “Pai da psicanálise”, Lacan o homenageia questionando a sobrevivência do homem na obra. Dessa forma, depois de comparar a instituição criada por Freud com o senhor Valdemar de Poe, que por falecer em estado de hipnose consegue evitar a dissolução do corpo e também perceber seu estado calamitoso, pode dizer que a operação do despertar, por meio da palavra, “pode vir a se confundir com os cuidados de um sepultamento decente”.³¹

³⁰ Ibid. pp. 277-278.

³¹ Lacan, J. (1988). Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p 468.

Conclusão

Os argumentos aqui apresentados demonstram o desejo de Lacan – e seu fracasso – de avançar na direção oposta à proposta freudiana: a regulação da formação do psicanalista. O ato de dissolução da EFP, com sua consecutiva e insistente convocatória a se associar em torno de um trabalho crítico, junto com as referências ao não-analista e aos caminhos abertos – teóricos e práticos – para o ato psicanalítico – formar-se nas exigências lógicas de um discurso e torná-lo ultrapassado –, parecem demonstrar a necessidade de rever a função e organização de nossas instituições, assim como o tripé em que se apoia a formação/habilitação/reconhecimento do psicanalista.

A ênfase de Lacan não está no analista, mas na psicanálise. Não está na “formação do psicanalista”, mas na produção ou renovação do saber psicanalítico. Por isso, poderá dizer que uma sociedade – a de analistas – que “só tem interesses científicos” não precisa da regra do grau implícita na escola,³² que um “ensino digno” só pode ser produzido pela verdade que se manifesta nas “revoluções da cultura” e que a única formação que podemos pretender transmitir é “um estilo”.³³

Sem dúvida, essa direção – enunciada, mas não implementada institucionalmente por Lacan – é a que melhor define a proposta inovadora de Apertura. Por esse motivo, podemos – devemos – esperar dela não só a confirmação ou refutação de que este caminho conduz ao progresso da psicanálise, mas também ao que acontece em relação à formação do psicanalista. As exigências lógicas de um discurso, as revoluções da cultura, superar os discursos vigentes ou transmitir um estilo, são suficientes para a formação do psicanalista?

³² Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista na Escola. Em *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar p. 249.

³³ Lacan, J. (1988). El psicoanálisis y su enseñanza. Em *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno. p 440.

BIBLIOGRAFIA

1. Forbes, J. (2012). O que esperar de um analista? *A psicanálise e o psicanalista no Sec. XXI; seus desafios e impasses*. <http://projetoanalise.com.br/br/artigos/o-que-esperar-de-um-analista.html>.
2. Freud, S. (1995). *Obras Completas. Vol. XVIII*. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A. p 170.
3. Freud, S. (1995). *Obras Completas. Vol. XX*. Buenos Aires: Amorrortu Editores S.A.
4. Goldenberg, R. (2017). O Fracasso de Lacan (em ensinar a psicanálise). <http://ricardogoldenberg.com.br/2017/03/12/o-fracasso-de-lacan-primeira-aula/>
5. Lacan, J. (1988). *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
6. Lacan, J. (2003). Ato de fundação. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.
7. Miller, J.A. (2005). Psicoanálisis y sociedad. Em *Freudiana* 43/44, março-outubro.

MARTÍN MEZZA

Psicanalista argentino, sócio de APOLa Internacional, diretor da sede de Salvador, Bahia, Brasil. Psicólogo (UBA); Mestre em SMC (UNLA); Doutor em Saúde Coletiva (UFBA, ISC, Brasil).

martinmezza@hotmail.com / mezzamartin@yahoo.com.ar